

Património arqueológico do concelho de Celorico da Beira: subsídios para o seu inventário e estudo

*João Carlos Lobão**
*António Carlos Marques**
*Dário Neves**

Introdução:

No ano lectivo de 2001/2002, os signatários, como forma de pôr em prática os conhecimentos adquiridos na cadeira de Técnicas de Investigação Arqueológica¹, tiveram a oportunidade de desenvolver, sob a coordenação do professor Pedro Carvalho, um trabalho de prospecção arqueológica no concelho de Celorico da Beira², que visava, sobretudo, a confirmação das inúmeras referências a sítios arqueológicos dispersas pela bibliografia, as quais, de um modo geral, se caracterizavam por serem muito vagas e imprecisas, não especificando os vestígios existentes e não procedendo à sua correcta localização.

Pela forma como foi concebido (localização precisa das estações, descrição rigorosa dos vestígios observados em cada uma delas e classificação cronológico-tipológica das mesmas, de acordo com os dados de superfície) e, principalmente, pelo elevado número de estações inventariadas, muitas delas ainda inéditas, considerou-se

* Licenciados em História – variante de Arqueologia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. E-mails: jclobao@yahoo.co.uk / marquescapelas@hotmail.com / darioneves1@gmail.com

1 2º ano da Licenciatura em História – variante de Arqueologia, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2 A escolha do concelho de Celorico como área objecto de estudo deveu-se, principalmente, ao facto de sermos residentes no mesmo.

que seria importante, para a investigação arqueológica e para a divulgação e protecção do património local, proceder à publicação dos resultados obtidos com o trabalho efectuado. A estes, juntam-se outros dados que foram surgindo ao longo dos anos de 2003 a 2005, pretendendo o presente artigo compilar toda a informação, já conhecida ou ainda inédita, relativa ao património arqueológico do concelho de Celorico.

Com base nos dados fornecidos pela prospecção, tecem-se ainda algumas considerações sobre a distribuição e evolução do povoamento antigo na região, com especial incidência para o período romano³.

Enquadramento administrativo e geográfico:

O concelho de Celorico da Beira situa-se na Beira Interior, distrito da Guarda, faz fronteira com os concelhos de Trancoso (a norte), Gouveia (a sul), Fornos de Algodres (a poente) e Guarda (a nascente) e ocupa uma área de 253 km², actualmente distribuídos por 22 freguesias.

Pertencente à região geográfica do Alto Mondego, o concelho engloba duas unidades geomorfológicas completamente distintas: a vertente setentrional da Serra da Estrela (freguesias de Linhares, Prados, Rapa, Cadafaz, Salgueirais e Vide-Entre-Vinhas), onde predominam as encostas de declive moderado e acentuado, intercaladas – a espaços – com plataformas mais ou menos aplanadas e extensas, dando origem a um relevo bastante acidentado, que oscila entre os 1.100 m de altitude no topo da vertente e os 500 m na base; e a designada depressão ou bacia de Celorico (restantes freguesias), que se caracteriza por possuir um relevo suave ou ondulado (400/500 m de altitude), de onde emergem, pontualmente, alguns cabeços graníticos mais elevados, como o morro onde assenta a vila de Celorico (550 m) e a Cabeça Grande (726 m)⁴.

A região em causa é maioritariamente ocupada, em termos geológicos, por rochas de granito porfiróide, de duas micas e grão médio, sendo de destacar os designados granitos de Celorico da Beira (arredores de Celorico, Casas de Soeiro e Vila Boa do Mondego) e da Pedrice (Lageosa do Mondego, Açores e Velosa), cuja

homogeneidade granulométrica permite a realização de trabalhos de cantaria de boa qualidade⁵. Este substrato geológico é, em grande parte, responsável pela formação de solos arenosos, soltos e delgados nas encostas e fundos, argilosos e férteis nos vales⁶. Actualmente, o território é ocupado por áreas de cultivo (cereais, vinha e oliveira), pastos (gado ovino), zonas de floresta (pinheiro e carvalho) e, principalmente, por vastas áreas desflorestadas, com vegetação rasteira, resultantes dos constantes incêndios que assolam a região, conferindo à paisagem um aspecto árido, pedregoso e monótono.

O Rio Mondego, que, na depressão de Celorico, descreve um arco de círculo, tomando a direcção sudoeste⁷, constitui a principal linha de água que atravessa a região. Para além deste e dos inúmeros ribeiros de percurso e caudal insignificantes, são de assinalar, pela sua importância local, as ribeiras: da Quinta das Seixas, dos Tamanhos e da Velosa, na margem direita do Mondego, e as de Linhares, Salgueirais e Cabeça Alta, na margem esquerda.

O concelho possui várias nascentes de águas medicinais, nomeadamente nas freguesias do Fornotelheiro (Termas de Santo António), Linhares (Termas de Santo Amaro), Mesquitela (Santo Amaro) e Ratoeira (Várzea)⁸; e ainda variados recursos minerais, sobretudo estanho, volfrâmio e urânio, cuja exploração se efectuou, em tempos mais ou menos recentes, um pouco por todo o concelho⁹.

Por fim, no que respeita às condições climatéricas, o concelho está incluído na zona climática do Nordeste ou Terra Fria, Região Atlântica do Norte, podendo o clima – ainda que mais rigoroso na região da Serra – classificar-se de Temperado Marítimo ou Regular¹⁰.

Investigação arqueológica no concelho:

As mais antigas referências ao património arqueológico do concelho de Celorico da Beira remontam à segunda metade do séc. XVIII/inícios do séc. XIX e encontram-se nas obras *Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora*, de Frei Agostinho de Santa Maria (1771), e *Compendio Histórico da Vila de Celorico*, do Padre Luís Villela da Silva (1808), onde se faz alusão, respectivamente, à inscrição visigótica da Igreja de Nossa Senhora de Açores e à inscrição rupestre de Celorico.

Para além de novas referências a estas duas epígrafes (Hubner, 1869 e Leal, 1873-90), na segunda metade do séc. XIX são pela primeira vez mencionados dois dos mais

3 Gostaríamos, desde já, de expressar o nosso profundo agradecimento ao professor Pedro Carvalho, pelos seus ensinamentos, conselhos e incentivo constantes; à Dra. Raquel Vilaça, Dr. Nunes Pinto e Dra. Helena Catarino do Instituto de Arqueologia da FLUC, pela ajuda prestada em determinados momentos do trabalho; aos arqueólogos Vítor Pereira e Maria do Céu Ferreira pela ajuda e frutuosa troca de impressões; ao Marco Neves, pelo empréstimo do G.P.S.; a todas as pessoas que connecemos ao longo do trabalho de campo e que, com as suas preciosas informações, contribuíram para enriquecer este trabalho com um maior número de sítios arqueológicos; e ainda, muito especialmente, a Marina Martins, por toda a ajuda prestada ao longo dos trabalhos de campo e gabinete e aos nossos pais, avós e irmãos, sem o apoio dos quais não teria sido possível concretizar este projecto.

4 Carlos Teixeira, A. Medeiros, L. Pilar, A. Carvalhosa, M. Ferro e A. Rocha, *Carta Geológica de Portugal na Escala 1/50.000. Notícia Explicativa da Folha 18-A (Vila Franca das Naves)*, Lisboa, 1963, p. 7 (= Teixeira et alii, 1963) e Oliveira, 1997, p. 57.

5 Oliveira, 1997, p. 73 e Narciso Ferreira e Gonçalo Vieira, *Guia Geológico e Geomorfológico do Parque Natural da Serra da Estrela: Locais de Interesse Geológico e Geomorfológico*, Lisboa, 1999, p. 15-18.

6 Oliveira, 1997, p. 74.

7 Teixeira et alii, p. 7.

8 Rodrigues, 1979, p. 24 e Oliveira, 1997, p. 115.

9 Costa, 1940, s. v. Celorico da Beira; Rodrigues, 1979, p. 24 e Oliveira, 1997, p. 115.

10 Oliveira, 1997, p. 68.

importantes e divulgados sítios arqueológicos do concelho: S. Gens (Leal, 1873-90) e o castro do Monte Verão (Cruz, 1900 e Azevedo, 1901). Em 1883, no relatório da expedição científica à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa, o arqueólogo Martins Sarmiento, embora não apresente quaisquer dados sobre a mesma, indica a existência de uma anta na Carrapichana. Ainda que parco de dados, o relatório efectuado por este investigador constituiu o primeiro trabalho de cariz científico-arqueológico – aspecto que terá de ser avaliado no contexto da época – desenvolvido em terras de Celorico, a que os estudos pontuais de Santos Rocha sobre a necrópole da Moirama (1906) e os machados de pedra polida descobertos em Cortiçô (1908) deram breve continuidade.

No ano de 1939, com a publicação da monografia *Celorico da Beira e o seu Concelho – através da História e da Tradição*, da autoria de Manuel Ramos de Oliveira, dá-se um grande avanço quantitativo na divulgação do património arqueológico do concelho, pois, aí, são referidos muitos locais com interesse arqueológico, nomeadamente núcleos de sepulturas rupestres, inscrições e vestígios romanos. Não satisfeito com a obra publicada, o autor, ao longo das décadas seguintes, desenvolveu uma intensa investigação no intuito de recolher, entre outros, novos dados sobre a história e a arqueologia das várias freguesias do concelho, cujos resultados foram parcialmente publicados em diversos artigos na revista *Beira Alta* (1963.a, 1963.b, 1964, 1965, 1968, 1969.a, 1969.b e 1971) e postumamente compilados numa segunda edição – revista e aumentada – da sua monografia, que sai à estampa em 1997. Esta, não obstante a imprecisão e superficialidade das referências, constitui, pelo elevado número de sítios arqueológicos que menciona, uma obra incontornável para quem pretenda proceder à inventariação dos vestígios arqueológicos do concelho.

Em 1945, é publicado o, já clássico, *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, onde o autor, João de Almeida, elabora um inventário de todos os monumentos de arquitectura militar que identificou no território nacional, bem como das “estradas militares” romanas e medievais que os serviam. No entanto, apesar da sua importância para o estudo deste tipo de estruturas, a obra de João de Almeida deve ser analisada com um forte espírito crítico, uma vez que, em prospecções recentes, por motivos diversos, não se têm identificado quaisquer vestígios em muitos dos locais por ele assinalados.

Embora mereça já uma profunda revisão nas suas conclusões, o artigo sobre a viação romana das Beiras, publicado em 1952-53 por Moreira de Figueiredo na revista *Beira Alta*, constitui ainda uma importante fonte de informação para o estudo das vias romanas e medievais que atravessariam a região, onde se referem também inúmeras estações arqueológicas, nomeadamente a necrópole de S.Gens e os vestí-

gios descobertos na Casa da Fonte Arcada.

Tal como Manuel Ramos de Oliveira e João de Almeida, Adriano Vasco Rodrigues é também um investigador de referência para quem tenha como objectivo conhecer e estudar a história e a arqueologia da região de Celorico, sendo de destacar, entre os diversos trabalhos por ele publicados (1956, 1958-59, 1979 e 2003), a obra *Celorico da Beira e Linhares – Monografia Histórica e Artística*, onde faz alusão a vários locais com vestígios arqueológicos, dando especial relevo à necrópole de S. Gens, sobre a qual elaborou um pequeno estudo.

Em 1980, é publicada uma outra monografia, esta exclusivamente dedicada a Linhares, da autoria de Maria Conceição Moreira, que refere a existência de algumas estações arqueológicas na freguesia, designadamente o castelo de Linhares, a calçada da Corredoura e as sepulturas e lagares da Quinta da Fidalga.

Referida e interpretada de forma fantasiosa por quase todos os autores que se debruçaram sobre a história de Celorico, somente em 1985, num artigo publicado por Fernando Patrício Curado na revista *Beira Alta*, se apresenta, pela primeira vez, uma leitura correcta da inscrição rupestre existente junto ao castelo de Celorico; leitura esta que foi, posteriormente, corroborada por Rodriguez Colmenero (1995), no seu catálogo das inscrições rupestres romanas do Noroeste da Península Ibérica, e por Ana Cristina Repas (2001), na sua tese de Mestrado sobre a epigrafia votiva da Beira Interior.

Quanto à inscrição da Igreja de Nossa Senhora de Açoze, só cerca de uma década depois, num artigo publicado por Mário Barroca, em 1992, será alvo de um estudo minucioso e de uma nova leitura, mais correcta, confirmando, assim, as suspeitas de José Vives (1962) de que a inscrição se encontrava mal lida. Mário Barroca, no âmbito da sua tese de Doutoramento, publicada em 2000, efectuou, também, um estudo pormenorizado sobre a inscrição medieval que actualmente se encontra na Quinta dos Cedros.

Em 1988, é publicada a obra *Roman Portugal*, uma das principais obras de referência para o estudo da romanização no território actualmente português, onde Jorge de Alarcão sistematiza toda a informação existente em Portugal sobre o período romano e, com base nas inúmeras referências dispersas pela bibliografia arqueológica, procede à elaboração de uma carta arqueológica do Portugal Romano, na qual constam alguns sítios do concelho de Celorico. Em 1993, o mesmo investigador apresentará uma nova síntese, esta sobre as principais estações arqueológicas situadas na área do Parque Natural da Serra da Estrela e periferia, onde também são referidos alguns dos principais vestígios da região.

No ano seguinte, António Carlos Valera e Ana Martins publicam os resultados

da primeira fase de um trabalho de prospecção que tinha como objectivo final a elaboração da carta arqueológica do concelho, mas que, infelizmente, não teve continuidade, ficando-se pela confirmação de algumas referências bibliográficas e apresentação de alguns sítios ainda inéditos.

Mais recentemente, já depois de efectuado o trabalho para a cadeira de Técnicas de Investigação Arqueológica, assistiu-se a um incremento da actividade arqueológica na região, quer no âmbito de projectos de investigação, quer de trabalhos preventivos ou de emergência, o que permitiu o surgimento de novos dados sobre a arqueologia do concelho de Celorico. Em 2003, Vítor Pereira publica, na revista *Praça Velha*, um excelente artigo sobre o povoado fortificado da Pedra Aguda e, em 2004, Maria do Céu Ferreira, Marcos Osório e Manuel Sabino Perestrelo procedem à divulgação e estudo de uma inscrição romana inédita, identificada na igreja de Nossa Senhora dos Azares, freguesia de Vale de Azares. No âmbito do projecto de investigação “A ocupação alto-medieval da encosta Noroeste da Serra da Estrela” (PNTA/2002), Catarina Tente e Ana Martins desenvolveram um trabalho de prospecção dirigido para a detecção de vestígios de época medieval, que possibilitou a identificação de vários sítios arqueológicos na área do concelho abrangida pelo projecto (região a sul do Rio Mondego), embora os resultados não tenham sido ainda publicados¹¹.

Quanto aos trabalhos arqueológicos preventivos ou de emergência, durante o acompanhamento das obras efectuadas no IP5 – futura A25 – foram identificadas e, posteriormente, escavadas duas estações no concelho, uma do neo-calcolítico, no sítio do Jardim, e outra romano-medieval, já por nós inventariada em 2002, no Montalto. Também durante o acompanhamento arqueológico das obras de construção do Parque Eólico de Videmonte, em 2005, foram descobertas duas estelas, uma possivelmente do Calcolítico e outra do Bronze Final.

Finalmente, no ano de 2005, os signatários publicaram, no catálogo da exposição “25 Sítios Arqueológicos da Beira Interior”, um texto síntese sobre os vestígios arqueológicos existentes em S. Gens.

Metodologia adoptada:

Instrumento fundamental para a inventariação, avaliação e protecção dos vestígios do passado e meio privilegiado para a obtenção de dados em estudos de arqueologia espacial ou da paisagem, a prospecção arqueológica, nas últimas décadas, tem adquirido uma importância crescente e uma metodologia de base cada vez mais sólida, que apresenta duas variantes principais: a prospecção extensiva ou selectiva

¹¹ De acordo com a base de dados – Endovélico do IPA, em 2002-03, Catarina Tente e Ana Martins inventariaram, no concelho de Celorico, 21 locais com vestígios de época medieval, quase todos já referidos na bibliografia no trabalho académico que apresentámos em 2002.

e a prospecção intensiva ou sistemática (de cobertura total ou por amostragem)¹².

Tendo em conta os objectivos a atingir, a grande extensão da área a estudar, os recursos logístico-financeiros e o tempo disponíveis e as condições geo-ambientais da região, considerou-se mais viável para a concretização deste projecto a adopção da metodologia de prospecção extensiva, isto apesar dos problemas e inconvenientes que apresenta ao nível da análise interpretativa dos dados obtidos¹³.

Assim – após uma fase prévia de trabalho de gabinete (planeamento) onde se procedeu à recolha exaustiva de informação sobre a área concelhia (bibliografia, toponímia, cartografia, etc.) e à programação da fase seguinte – durante o trabalho de campo¹⁴, de acordo com a metodologia seleccionada, efectuou-se uma prospecção não sistemática do terreno, orientada por critérios pré-definidos, de ordem selectiva, que a conduziram às zonas que, alegadamente, possuíam um maior potencial arqueológico. Entre os critérios adoptados, destacam-se: as referências bibliográficas, as informações orais, a toponímia sugestiva, a geomorfologia, as condições do terreno e o grau de visibilidade do mesmo.

Certas zonas, como as encostas suaves e pequenos cabeços sobranceiros aos principais cursos de água e o espaço envolvente das sepulturas rupestres e grandes povoados, por se assumirem como áreas privilegiadas para a existência de vestígios, foram prospectadas de forma exaustiva e sistemática, embora sem o rigor em termos de organização e espaçamento preconizados pela metodologia de prospecção intensiva.

Identificado um sítio arqueológico¹⁵, efectuava-se, primeiramente, um rastreio intensivo e sistemático do local, de modo a determinar a área de dispersão dos vestígios e a recolher aqueles que fossem mais significativos, nomeadamente os que possibilitassem a sua classificação a nível cronológico e tipológico. De seguida, procedia-se à sua localização na C.M.P. à escala 1/25.000, à obtenção de fotografias

¹² Sobre as diversas metodologias de prospecção, veja-se, a título de exemplo: Víctor Fernández Martínez, *Teoría y Método de la Arqueología*, Madrid, 1991, p. 46-59; Colin Renfrew & Paul Bahn, *Arqueología. Teorías, Métodos y Práctica*, Madrid, 1993, p. 66-79; Gonzalo Ruiz Zapatero y Víctor Fernández Martínez, “Prospección de superficie, técnicas de muestro y recogida de información”, *Inventarios y Cartas Arqueológicas – actas* (Soria, 1991), Valladolid, 1993, p. 87-98; F. Burrillo, J. Ibáñez, R. Loscos, M. Martínez, C. Polo, J. Simón y M. Sopena, “Prospección e informatización para la elaboración del inventario arqueológico de Aragón”, *Inventarios y Cartas Arqueológicas – actas* (Soria, 1991), Valladolid, 1993, p. 99-115; Martín Almagro-Gorbea y José Benito-López, “Evaluación de rendimientos y optimización de resultados en prospección arqueológica: el valle del Tajuña”, *Inventarios y Cartas Arqueológicas – actas* (Soria, 1991), Valladolid, 1993, p. 151-158; Maria Conceição Lopes, Pedro Carvalho e Sofia Gomes, *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Serpa, 1997, p. 18-21; e Alain Ferdière, *La Prospección Archéologique*, Paris, 1998.

¹³ Pedro Carvalho, Carla Ribeiro, Ricardo Silva e Sara Almeida, “Povoamento rural romano ao longo da Ribeira da Meimosa – Fundão (1ª campanha de prospecção intensiva)”, *Conimbriga*, 41, Coimbra, 2002, p. 130 (= Carvalho et alii, 2002).

¹⁴ Realizado em duas campanhas, uma entre finais de Março e meados de Abril de 2002 e outra em Agosto do mesmo ano. Depois de apresentado o trabalho académico, entre 2003 e 2005, efectuaram-se apenas alguns dias pontuais de trabalho de campo.

¹⁵ Definiu-se, como tal, todo o lugar onde se identificaram vestígios arqueológicos, quer estes correspondessem a estações (áreas limitadas onde se concentravam à superfície estruturas e/ou materiais resultantes da actividade humana, que pareciam revelar uma ocupação ou arranjo intencional do espaço), quer a achados isolados (achados avulsos, aparentemente fora de contexto).

(de enquadramento, de estruturas conservadas e de alguns materiais relevantes não recolhidos) e ainda ao registo de uma série de dados sobre o mesmo numa ficha criada para o efeito. Esta, não obstante a sua flexibilidade (capaz de registar todo o tipo de achados) e carácter normativo (todas as estações são colocadas no mesmo plano), que conferem ao conjunto de dados a necessária coerência, possuía, entre outros, todos os campos que considerámos fundamentais para a individualização/localização, descrição/caracterização e classificação/interpretação de cada sítio arqueológico, permitindo, assim, o seu conveniente registo (Est. I).

Já depois de concluído o trabalho para a cadeira de Técnicas de Investigação Arqueológica, além de se ter dado continuidade à inventariação do património arqueológico do concelho, com a prospecção de novos locais referidos na bibliografia ou por fontes orais, reviram-se e confirmaram-se os dados recolhidos sobre cada um dos sítios identificados e obtiveram-se as coordenadas exactas dos mesmos, mediante o recurso a um G.P.S. com uma resolução na ordem dos 3-13 m.

Catálogo de sítios:

A prospecção realizada possibilitou a identificação de 104 sítios arqueológicos, dos quais 62 (59,6 %) serão inéditos (Mapa I).

A informação obtida, durante o trabalho de campo, sobre cada um deles foi, posteriormente, organizada e compilada no catálogo que se segue, onde a identificação, descrição e interpretação de cada sítio é feita de acordo com o seguinte esquema: número de ordem; designação (topónimo, freguesia); número da C.M.P. 1/25.000, coordenadas UTM e altitude; enquadramento geográfico-ambiental; descrição dos vestígios e sua área de dispersão; classificação cronológica: tipológica; observações complementares e referências bibliográficas ou indicação de inédito, quando a bibliografia por nós consultada não faz alusão ao sítio.

No final do catálogo, indicam-se as estações arqueológicas referidas por outros autores que não conseguimos localizar ou onde não encontramos quaisquer vestígios, bem como os achados avulsos de localização incerta.

1. **Quinta da Armada** (Fornotelheiro): 180 635352/4506574 435; plataforma sobre-elevada em sopé de montanha, sobranceira à Ribeira da Quinta das Seixas; *tegulae*, cerâmica comum (*dolia*), um fragmento de *terra sigillata* hispânica tardia, três pesos de tear, escória e uma pedra rectangular moldurada, dispersos por uma área aprox. de 10.000 m²; romano/medieval (?): granja; inédito.

2. **Pia dos Mouros** (Quinta da Armada, Fornotelheiro): 180 635257/4506518 450; sopé de montanha com imensos blocos graníticos, sobranceiro à Ribeira da Quinta das Seixas; sepultura antropomórfica escavada na rocha; medieval: sepultura;

inédito.

3. **Darouca** (Silva, Fornotelheiro): 180 636730/4506416 630; esporão aplanado, sobranceiro ao Ribeiro dos Peixes e irrigado por pequenos cursos de água; linha de muralha de configuração subrectangular (?) com porta de entrada a sul e, no seu interior, cerâmica manual incaracterística, muito fragmentada e rolada, e cerca de vinte dormentes de mós-de-vaivém; proto-histórico: povoado fortificado; sítio parcialmente afectado por uma mina, actualmente desactivada; Almeida, 1945, p. 204-206: cerâmica de construção romana e calçada “ciclópica” junto à entrada.

4. **Mata do Peramigo** (Minhocal): 181 638570/4506804 480; planície de relevo ligeiramente ondulado, irrigada por pequenos cursos de água; *tegulae*, cerâmica comum, um peso de tear e escória, dispersos por uma área aprox. de 1.500 m²; romano/medieval (?): casal; inédito.

5. **São Domingos** (Minhocal): 181 638754/4506729 475; planície de relevo ligeiramente ondulado, irrigada por pequenos cursos de água; *tegulae*, *imbrices* e cerâmica comum, dispersos por uma área aprox. de 1.500 m²; romano/medieval (?): casal; inédito.

6. **Lameiras I** (Minhocal): 181 638482/4506464 480; planície de relevo ligeiramente ondulado, irrigada por pequenos cursos de água; *tegulae* e cerâmica comum (*dolia*), dispersas por uma área aprox. de 150 m²; romano/medieval (?): pequeno sítio; inédito.

7. **Lameiras II** (Minhocal): 181 638569/4506461 478; planície de relevo ligeiramente ondulado, irrigada por pequenos cursos de água; sepultura antropomórfica escavada na rocha; medieval: sepultura; inédito.

8. **Lameiras III** (Minhocal): 181 638688/4506427 466; planície de relevo ligeiramente ondulado, irrigada por pequenos cursos de água; um fragmento de *tegulae*, *imbrices*, blocos de tijolo bruto, cerâmica comum, um fuste de coluna e duas mós manuais rotativas, dispersos por uma área aprox. de 800 m²; romano (?)/medieval: casal; inédito.

9. **Quinta das Lameiras I** (Minhocal): 181 639102/4506513 464; afloramentos rochosos destacados, em área plana e irrigada por pequenos cursos de água; duas sepulturas antropomórficas escavadas na rocha; medieval: necrópole; inédito.

10. **Quinta das Lameiras II** (Minhocal): 181 639147/4506498 458; planície de relevo ligeiramente ondulado, irrigada por pequenos cursos de água; *tegulae*, *imbrices*, blocos de tijolo bruto e cerâmica comum, dispersos por uma área aprox. de 1.000 m²; romano/medieval: casal; inédito.

11. **Quinta de São João** (Minhocal): 181 639306/4506422 447; planície de relevo ligeiramente ondulado, irrigada por pequenos cursos de água; *imbrices*, blocos

de tijolo bruto e cerâmica comum, dispersos por uma área aproximada de 1.500 m²; medieval: casal (?); referências orais ao aparecimento de ossadas junto à alminha existente no local; inédito.

12. **Quintal dos Pinas** (Minhocal): 181 639812/4505814 425; peso de lagar no interior do quintal; romano: achado isolado; inédito.

13. **Soito I** (Outeiro Negro, Baraçal): 181 641732/4505850 509; encosta suave com vários outeiros rochosos, pobre em recursos hídricos; *tegulae*, *imbrices*, cerâmica comum e uma “peça” de xisto, em forma de pipa, com cerca de 25 cm de altura, dispersos por uma área aprox. de 2.500 m²; romano/medieval (?): casal; sítio cortado pela estrada municipal; inédito.

14. **Soito II** (Outeiro Negro, Baraçal): 181 641708/4505818 509; encosta suave com vários outeiros rochosos, pobre em recursos hídricos; onze sepulturas escavadas na rocha; medieval: necrópole; Valera *et alii*, 1994, p. 277, n.º 19.

15. **Abelheira** (Fornotelheiro): 180 634854/4505791 470; terreno aplanado a meia encosta, sobranceiro à Ribeira da Quinta das Seixas; *tegulae* e cerâmica comum, dispersas por uma área aprox. de 50 m²; romano: pequeno sítio; inédito.

16. **Vila Longa I** (Fornotelheiro): 180 635085/4505749 422; planície junto à Ribeira da Quinta das Seixas; *tegulae* dispersas por uma área aprox. de 100 m²; romano: pequeno sítio; inédito.

17. **Quinta do Pomar** (Quinta da Nogueirinha, Fornotelheiro): 180 634665/4504672 420; pequeno outeiro rochoso em área plana, junto à Ribeira da Quinta das Seixas; sepultura não antropomórfica escavada na rocha; medieval: sepultura; inédito.

18. **Tapada do Freixo I** (Fornotelheiro): 181 638043/4504628 445; área planáltica com vários afloramentos graníticos, sobranceira à Ribeira dos Tamanhos; seis sepulturas antropomórficas e duas não antropomórficas escavadas na rocha; medieval: necrópole; Valera *et alii*, 1994, p. 278, n.º 20.

19. **Tapada do Freixo II** (Fornotelheiro): 181 638015/4504604 440; encosta suave, sobranceira à Ribeira dos Tamanhos; *tegulae*, *imbrices*, *laterae*, cerâmica comum, *terra sigillata* hispânica e hispânica tardia, base e fuste de coluna e silhares, dispersos por uma área aprox. de 4.200 m²; romano/medieval (?): *villa – pars urbana* (?); Rodrigues, 1979, p. 35; Valera *et alii*, 1994, p. 278, n.º 20.

20. **Tapada do Freixo III** (Fornotelheiro): 181 638132/4504554 440; área planáltica, sobranceira à Ribeira dos Tamanhos; *tegulae*, cerâmica comum e uma soleira, dispersas por uma área aprox. de 70 m²; romano/medieval (?): pequeno sítio; inédito.

21. **Tapada do Freixo IV** (Fornotelheiro): 181 637945/4504480 428; encosta

suave, sobranceira à Ribeira dos Tamanhos; *tegulae*, *imbrices*, *laterae*, cerâmica comum, *terra sigillata* hispânica e hispânica tardia, um fragmento de cerâmica cinzenta fina do séc. I e um peso de tear, dispersos por uma área aprox. de 10.000 m²; romano/medieval (?): *villa – pars rustica* (?); inédito.

22. **Quinta do Seixal** (Fornotelheiro): 181 638131/4504400 418; encosta suave, sobranceira à Ribeira dos Tamanhos; *tegulae*, cerâmica comum e um peso de tear, dispersos por uma área aprox. de 1.500 m²; romano/medieval (?): casal (?); inédito.

23. **Tapada do Freixo V** (Fornotelheiro): 181 637834/4504324 415; encosta suave, sobranceira à Ribeira dos Tamanhos; *tegulae*, *imbrices* e cerâmica comum (*dolia*), dispersos por uma área aprox. de 200 m²; romano/medieval (?): pequeno sítio; inédito.

24. **Tapadas** (Sanzeda, Baraçal): 181 642432/4504773 470; rocha situada em área plana, junto à Ribeira da Quinta de São Bento; lagareta picotada na rocha; indeterminado: lagareta; referências orais a outra lagareta nas proximidades; inédito.

25. **Carril** (Velosa): 181 645661/4502913 518; meia encosta de um cabeço, sobranceiro a um pequeno curso de água; sepultura antropomórfica escavada na rocha; medieval: sepultura; inédito.

26. **Barrocal do Olival** (Santa Maria): 180 633812/4502891 420; sopé de montanha, irrigado por pequenos cursos de água e sobranceiro à Ribeira da Quinta das Seixas; um fragmento de cerâmica manual com decoração penteada, *tegulae*, *imbrices* e cerâmica comum, dispersos por uma área aprox. de 1.500 m²; calcolítico: povoado (?); romano: casal; inédito.

27. **São Gens I** (Fornotelheiro): 180 636166/4502426 406; planície que se estende ao longo da Ribeira dos Tamanhos; duas sepulturas antropomórficas escavadas na rocha; medieval: necrópole; segundo fontes orais, junto destas existiriam mais túmulos; inédito.

28. **São Gens II** (Fornotelheiro): 191 635729/4502065 420; encosta suave, junto à zona de confluência da Ribeira dos Tamanhos com o Rio Mondego; *tegulae* e cerâmica comum, dispersas por uma área aprox. de 300 m²; romano/medieval (?): pequeno sítio; Lobão *et alii*, 2005, p. 22-23.

29. **São Gens III** (Fornotelheiro): 191 635680/4502051 430; extensa penedia a meia encosta, junto à zona de confluência da Ribeira dos Tamanhos com o Rio Mondego; lagar de grandes dimensões escavado na rocha; indeterminado: lagar; Lobão *et alii*, 2005, p. 22-23.

30. **Sítio do Castelo** (Fornotelheiro): 191 635831/4502032 415; pequena elevação do terreno parcialmente rodeada de penedos, junto à zona de confluência da

Ribeira dos Tamanhos com o Rio Mondego; linha de muralha de configuração ovalada irregular que aproveita a presença de vários blocos graníticos e, no seu interior, cerâmica manual muito escassa; medieval: fortificação; Lobão *et alii*, 2005, p. 22-23.

31. **São Gens IV** (Fornotelheiro): 191 635989/4501976 405; planície junto à zona de confluência da Ribeira dos Tamanhos com o Rio Mondego; *tegulae*, cerâmica comum (*dolia*), um fragmento de *terra sigillata* hispânica e outro de cerâmica cinzenta fina do séc. I, dois pesos de rede, um seixo transformado em peso de rede/tear, um fuste de coluna, uma soleira e escória, dispersos por uma área aprox. de 30.000 m²; romano/medieval: aldeia; dado o contexto geográfico e arqueológico, deverá corresponder ao sítio da Moirama, referido por Santos Rocha (1906, p. 101-102); Santos Rocha, 1908, p. 173; Alarcão, 1988, p. 60, n.º 4/186; Valera *et alii*, 1994, p. 273-274, n.º 1 e Lobão *et alii*, 2005, p. 22-23.

32. **São Gens V** (Fornotelheiro): 191 635654/4501892 430; extensa penedia a meia encosta, junto à zona de confluência da Ribeira dos Tamanhos com o Rio Mondego; quarenta e seis sepulturas (vinte não antropomórficas, vinte e três antropomórficas e três com antropomorfismo incipiente) e dois pios (um circular e outro subtriangular) escavados na rocha; medieval: necrópole; dado o contexto geográfico e arqueológico, deverá corresponder à necrópole da Moirama, referida por Santos Rocha (1906, p. 101-102); Santos Rocha, 1908, p. 173; Oliveira, 1939, p. 212; Figueiredo, 1953, p. 42; Rodrigues, 1979, p. 35-38; Valera *et alii*, 1994, p. 273-274; n.º 1; Oliveira, 1997, p. 538-539; Pereira, 2004, p. 37 e Lobão *et alii*, 2005, p. 22-23.

33. **São Gens VI** (Fornotelheiro): 191 635725/4501888 419; encosta suave, junto à zona de confluência da Ribeira dos Tamanhos com o Rio Mondego; *tegulae*, cerâmica comum e escória, dispersas por uma área aprox. de 400 m²; romano/medieval: pequeno sítio; Lobão *et alii*, 2005, p. 22-23.

34. **Quintal da D. Maria** (Açores): 192 641749/4501542 450; planície irrigada por pequenos cursos de água; *tegulae* e cerâmica comum, dispersas por uma área aprox. de 200 m²; romano: pequeno sítio; a estação estará actualmente destruída, visto que sobre a área de dispersão de vestígios foi recentemente construída uma habitação; inédito.

35. **Olival do Clergo I** (Açores): 192 641668/4501324 456; encosta suave que se desenvolve por socalcos, sobranceira ao Rio Mondego; *tegulae*, *imbrices*, cerâmica comum e *terra sigillata* hispânica, dispersos por uma área aprox. de 22.000 m²; romano/medieval: aldeia; inédito.

36. **Olival do Clergo II** (Açores): 192 641616/4501287 458; encosta de declive irregular com alguns afloramentos e penedos isolados; dois lagares de grandes dimensões escavados na rocha; indeterminado: lagares; inédito.

37. **Olival do Clergo III** (Açores): 192 641722/4501264 462; encosta de declive irregular com alguns afloramentos e penedos isolados; duas sepulturas antropomórficas e uma não antropomórfica escavadas na rocha; medieval: necrópole; inédito.

38. **Aral** (Açores): 192 641858/4501256 464; plataforma junto a um pequeno curso de água; *tegulae*, *imbrices*, cerâmica comum e *terra sigillata* hispânica, dispersos por uma área aprox. de 8.000 m²; romano/medieval (?): granja; referências orais a sepulturas rupestres a oeste da estação que terão sido já destruídas; inédito.

39. **Forca** (Açores): 192 643225/4501471 525; encosta suave que se desenvolve por socalcos; *tegulae* e cerâmica comum, dispersas por área indeterminada, e uma lagareta escavada na rocha; romano (?): pequeno sítio (?); Valera *et alii*, 1994, p. 278, n.º 22.

40. **Moitas** (Açores): 192 643842/4501394 542; meia encosta de declive suave com vários afloramentos; uma sepultura antropomórfica e uma não antropomórfica escavadas na rocha; medieval: necrópole; Valera *et alii*, 1994, p. 278, n.º 23.

41. **Regada** (Açores): 192 643003/4501098 482; rocha isolada em área plana, junto a um pequeno curso de água; sepultura antropomórfica escavada na rocha; medieval: sepultura; inédito.

42. **Igreja de Nossa Senhora de Açores** (Açores): 192 643440/4501048 503; interior da igreja, junto ao altar-mor; inscrição funerária que apresenta a seguinte leitura: + REQUIEVIT · FAMULA · / XPI · IN · PACE · SUINTHI/LIUBA · SUB MENCE · / NOVENBRES · ERA · DCCIII [hedera], a qual, segundo Barroca (1992, p. 507-516), resulta de um reavivamento dos caracteres efectuado, possivelmente, durante a época moderna, sendo a versão original: + REQUIEVIT · FAMVLA · / XPI · IN · PACE · SVINTHI/LIVBA · SUB DIE · NON · / NOVENBRES · ERA · / DCCIII [hedera]; medieval (666 d.C.): epígrafe; Santa Maria, 1771, p. 52-53; Leal, 1873-90, s.v. Açores; Vives, 1962, p. 29, n.º 73; Rodrigues, 1979, p. 33-34; Barroca, 1992, p. 507-516 e Oliveira, 1997, p. 483.

43. **Largo da Lameira** (Açores): 192 643290/4500920 503; lado oeste da praça da aldeia; sarcófago não antropomórfico encontrado durante as obras realizadas no Largo; medieval: sarcófago; inédito.

44. **Calvário/Paneles** (Açores): 192 643127/4500644 500; zona plana e de encostas suaves onde se encontra a actual povoação de Açores, irrigada por um pequeno ribeiro; *tegulae*, *imbrices*, cerâmica comum (*dolia*), um peso de tear, *terra sigillata* hispânica, uma pequena mó manual rotativa, dois pesos de lagar, uma base de coluna e escória, dispersos por uma área aprox. de 65.000 m²; romano/medieval: vicus; local alvo de sondagens no âmbito do EIA da variante a Trancoso do IP2/IP5;

Oliveira, 1939, p. 182: descoberta de um moinho e de um forno aquando da abertura de um valado; Oliveira, 1965, p. 148; Rodrigues, 1979, p. 26; Faria, 1985, p. 682: moedas romanas; Alarcão, 1988, p. 60, n.º 4/190 e Valera *et alii*, 1994, p. 278, n.º 21 e 24.

45. **Pardo** (Moinho do Alfredo, Santa Maria): 191 634618/4501098 400 (coord. aprox.); sopé de montanha, sobranceira ao Rio Mondego; não se identificaram quaisquer vestígios de uma possível ocupação pré-histórica do local; pré-história: povoado; Oliveira, 1997, p. 330: “nos trabalhos de extracção do estanho (...) descobriu à profundidade de 3 a 4 metros vários utensílios de sílex (...) quase todos de pedra polida, juntamente com ossos de animais: quatro facas, dois percutores, cinco pedras lares, dois machados, dois polidores, duas pedras de moer, uma ponta de lança, uma raspadeira, um punhal com um sinal característico, ossos de canídeo, aves, etc”, os quais terão sido oferecidos ao Museu da Guarda.

46. **Vila Longa II** (Santa Maria): 191 632943/4500733 395; encosta suave com vários penedos, sobranceira à zona de confluência da Ribeira da Quinta das Seixas com o Rio Mondego; lagar escavado na rocha; indeterminado: lagar; inédito.

47. **Vila Longa III** (Santa Maria): 191 632945/4500641 390; encosta suave com vários penedos, sobranceira à zona de confluência da Ribeira da Quinta das Seixas com o Rio Mondego; uma sepultura antropomórfica e três não antropomórficas escavadas na rocha; medieval: necrópole; num olival a noroeste da sepultura antropomórfica identificaram-se escassos fragmentos de cerâmica de construção, muito rolados, que parecem testemunhar a existência de um habitat hoje praticamente imperceptível; inédito.

48. **Quinta do Ramos I** (Santa Maria): 191 633799/4500064 422; afloramento situado em encosta suave, sobranceira ao Rio Mondego; sepultura antropomórfica escavada na rocha; medieval: sepultura; inédito.

49. **Quinta do Ramos II** (Santa Maria): 191 634495/4500737 460; zona rochosa a meia encosta, sobranceira ao Rio Mondego; lagar escavado na rocha, inscrito num pequeno compartimento rectangular em ruínas, formado por muros de pedra não aparelhada; indeterminado: lagar; inédito.

50. **Garcia** (Santa Maria): 191 634999/4500781 420; encosta de declive moderado, sobranceira ao Rio Mondego; *tegulae*, cerâmica comum e vestígios de muros semi-enterrados, dispersos por área indeterminada; romano: casal (?); o terreno encontra-se coberto por densa vegetação; inédito.

51. **Lavandeira I** (Santa Maria): 191 636160/4500849 432; outeiro sobranceiro ao Rio Mondego; lagar escavado na rocha; indeterminado: lagar; inédito.

52. **Lavandeira II** (Santa Maria): 191 636451/4500621 455; situa-se numa área já urbanizada e bastante alterada topograficamente; cerâmica de construção muito

escassa e dispersa por área indeterminada; romano (?)/medieval (?): indeterminado; a estação parece encontrar-se praticamente destruída; inédito.

53. **Outeiro I** (Lar de São Francisco, Santa Maria): 191 636510/4500580 435; outeiro com vários afloramentos graníticos; duas sepulturas escavadas na rocha; medieval: necrópole; à data de publicação do artigo, as sepulturas encontram-se já destruídas; Oliveira, 1939, p. 99 e Oliveira, 1997, p. 330.

54. **Outeiro II** (Lar de São Francisco, Santa Maria): 191 636510/4500580 435; outeiro com vários afloramentos graníticos; lagar escavado na rocha; indeterminado: lagar; inédito.

55. **Santo António** (São Pedro): 191 636847/4500622 435; peso de lagar no interior da quinta; romano: achado isolado; inédito.

56. **Chão dos Porcos** (Bairro de Santa Luzia, Santa Maria): 191 636081/4500414 470; encosta de declive moderado, sobranceira ao Rio Mondego; troço de calçada entre o Bairro de Santa Luzia e a Ponte da Lavandeira, também com calçada; romano (?)/medieval: via; Almeida, 1945, p. 195; Rodrigues, 1979, p. 22-23 e 27 e Valera *et alii*, 1994, p. 274, n.º 2, 3 e 4.

57. **Ribeira I** (São Pedro): 191 636770/4500175 430; encosta suave, sobranceira à Ribeira da Fórnia; *tegulae*, cerâmica comum (*dolia*) e uma mó manual rotativa, dispersas por uma área aprox. de 2.000 m²; romano: casal; a estação terá sido cortada com a abertura de um caminho com calçada, pois de ambos os lados do mesmo são visíveis materiais à superfície; inédito.

58. **Castelo de Celorico I** (Santa Maria): 191 636119/4499950 550; esporão com inúmeros penedos graníticos, que se eleva sobre o topo aplanado de uma montanha de encostas de declive acentuado; restos de uma antiga fortaleza composta por uma cerca amuralhada com dois cubelos a reforçarem os ângulos a NE, uma torre quadrangular a SE e duas portas, sendo ainda visível, no interior do recinto, alguns fragmentos de cerâmica comum medieval/moderna; medieval: castelo; no relatório das escavações efectuadas neste sítio em 1997, Isabel Ricardo sublinha “o aparecimento de material cerâmico da Reconquista”; Oliveira, 1939, p. 66-71; Costa, 1940, p. 254; Almeida, 1945, p. 190-197; Rodrigues, 1979, p. 194-195; Valera *et alii*, 1994, p. 279, n.º 25 e Oliveira, 1997, p. 255-258.

59. **Castelo de Celorico II** (São Pedro): 191 636056/4499862 540; esporão com inúmeros penedos graníticos, que se eleva sobre o topo aplanado de uma montanha de encostas de declive acentuado; inscrição votiva num penedo de formato irregular, que, segundo Curado (1985, p. 642), apresenta a seguinte leitura: [...]/... / M]ALCEINI (*filio vel filia*) / [SAC]RVM / [M]VNIDI e tradução: Consagrado a Munidia por ...?... (filho/filha) de Malgueino; romano: epígrafe; o penedo encontra-se bastante ero-

sionado, virado ao contrário e seguro por apenas duas pedras, pelo que necessita urgentemente de ser protegido; Villela da Silva, 1808, p. 18-19; Hübner, 1869, n.º 424; Leal, 1873-90, s.v. Celorico da Beira, Oliveira, 1939, p. 69-70; Rodrigues, 1979, p. 25-26; Curado, 1985, p. 641-643; Alarcão, 1988, p. 60, n.º 4/187; Alarcão, 1993, p. 28; Valera *et alii*, 1994, p. 279, n.º 25; Rodriguez Colmenero, 1995, p. 91-93; Oliveira, 1997, p. 257-258 e Repas, 2001, p. 52.

60. **Igreja de São Pedro** (São Pedro): 191 635986/4499799 517; adro da igreja; cinco cabeceiras de sepultura decoradas com a cruz de Cristo; medieval: cabeceiras de sepultura; Oliveira, 1997, p. 149.

61. **A-do-Braga** (Ratoeira): 192 640383/4500755 462; rocha destacada, situada junto a um caminho em área plana e irrigada por pequenos cursos de água; sepultura antropomórfica escavada na rocha; medieval: sepultura; Oliveira, 1939, p. 270, Oliveira, 1968, p. 7; Valera *et alii*, 1994, p. 275, n.º 7 e Oliveira, 1997, p. 646.

62. **Cravelos** (Ratoeira): 192 638968/4500377 456; outeiro sobranceiro a uma extensa planície; três lagaretas escavadas na rocha de dimensões e profundidade distintas; indeterminado: lagaretas; Oliveira, 1939, p. 270; Oliveira, 1968, p. 7 e Oliveira, 1997, p. 646.

63. **Quinta da Machada** (Lageosa do Mondego): 192 642267/4499461 430; encosta suave, sobranceira ao Rio Mondego; *tegulae* e cerâmica comum, dispersas por uma área aproximada de 120 m²; romano: pequeno sítio (?); a área de dispersão dos vestígios poderá prolongar-se para um pinhal com densa vegetação, que não foi prospectado; inédito.

64. **Moinho do Rangel** (Lageosa do Mondego): 192 641977/4499457 438; cabeça destacado, sobranceiro ao Rio Mondego; duas sepulturas antropomórficas escavadas na rocha; medieval: necrópole; inédito.

65. **Quinta da Torre** (Montalto, Lageosa do Mondego): 192 639374/4499088 508; sopé de montanha de declive moderado, onde abundam grandes lajes e penedos, e área plana que se lhe segue; quatro sepulturas não antropomórficas e duas antropomórficas escavadas na rocha; medieval: necrópole; junto à sepultura mais a sul identificaram-se escassos fragmentos de cerâmica de construção que parecem testemunhar a existência de um habitat hoje praticamente imperceptível; inédito.

66. **Montalto** (São Pedro): 192 637974/4498829 510; meia encosta irrigada por pequenos cursos de água; *tegulae*, *imbrices*, cerâmica comum (*dolia*), um fragmento de cerâmica cinzenta fina do séc. I e um seixo transformado em peso de rede/tear, dispersos por uma área aprox. de 8.000 m²; romano/medieval (?); granja; este sítio, em 2005, foi alvo de escavação em área, no âmbito do acompanhamento arqueológico dos trabalhos de construção da A25, e posteriormente destruído; referências

orais a sepulturas rupestres actualmente destruídas; inédito.

67. **Fonte do Vínculo** (Quinta dos Cedros, Casas de Soeiro): 191 634816/4498492 500; reaproveitada na referida fonte; inscrição gravada ao longo de dois silhares de granito, que, segundo Barroca (2000, p. 690), apresenta a seguinte leitura: ERA | M^a | CC^a | 2^a | V^a | MAGIO MEDIATO FUNDATA FUIT / ISTA ECCLESIA; medieval (1217): epígrafe; segundo Viterbo, em 1799, a inscrição encontrava-se na igreja de São Martinho, sendo comemorativa da sua fundação (Barroca, 2000, p. 691); Leal, 1873-90, s.v. Celorico da Beira; Oliveira, 1939, p. 91; Costa, 1940, p. 254; Rodrigues, 1956, p. 9-13; Rodrigues, 1979, p. 51-54; Oliveira, 1997, p. 151-152 e Barroca, 2000, p. 690-693, n.º 280.

68. **Ribeiro Pinheiro I** (Casas de Soeiro): 191 635554/4497318 540; meia encosta de declive moderado, junto a um pequeno ribeiro; *tegulae* e cerâmica comum, escassas e dispersas por uma área aprox. de 400 m²; romano/medieval (?); pequeno sítio; inédito.

69. **Ribeiro Pinheiro II** (Casas de Soeiro): 191 635421/4497274 540; afloramentos graníticos a meia encosta de declive moderado, irrigada por pequenos cursos de água; uma sepultura antropomórfica e outra não antropomórfica escavadas na rocha; medieval: necrópole; poderá corresponder à estação do Souto da Póvoa referida por Oliveira (1939, p. 296) e Rodrigues (1979, p. 236); inédito.

70. **Quintã I** (Vale de Azares): 192 638224/4496779 550; laje situada em encosta suave, que se desenvolve por socalcos, junto a um pequeno curso de água; sepultura antropomórfica escavada na rocha; medieval: sepultura; Oliveira, 1939, p. 284; Oliveira, 1964, p. 102; Valera *et alii*, 1994, p. 276, n.º 11 e Oliveira, 1997, p. 671.

71. **Quintã II** (Vale de Azares): 192 638279/4496743 540; encosta suave, que se desenvolve por socalcos, irrigada por pequenos cursos de água; *tegulae*, cerâmica comum e um fragmento de *terra sigillata* hispânica, dispersos por uma área aprox. de 500 m²; romano/medieval (?); pequeno sítio; inédito.

72. **Quintã III** (Vale de Azares): 192 638203/4496668 550; encosta suave, que se desenvolve por socalcos, irrigada por pequenos cursos de água; *tegulae* e cerâmica comum, dispersas por uma área aprox. de 2.000 m²; romano/medieval (?); casal; inédito.

73. **Tapada do Bufo I** (Revolta, Vale de Azares): 192 640370/4496462 490; encosta com várias plataformas e pequenos cabeços onde abundam os afloramentos e penedos, sobranceira à Ribeira da Cabeça Alta; cinco sepulturas antropomórficas e quatro não antropomórficas escavadas na rocha; medieval: necrópole; junto a uma das sepulturas identificaram-se escassos fragmentos de cerâmica de construção (*tegulae*), que parecem testemunhar a existência de um habitat hoje praticamente

imperceptível; Oliveira, 1939, p. 284; Oliveira, 1964, p. 102; Valera *et alii*, 1994, p. 276, n.º 10 e Oliveira, 1997, p. 671.

74. **Tapada do Bufo II** (Revolta, Vale de Azares): 192 640375/4496281 500; encosta com várias plataformas e pequenos cabeços onde abundam os afloramentos e penedos, sobranceira à Ribeira da Cabeça Alta; lagar escavado na rocha; indeterminado: lagar; inédito¹⁶.

75. **Vale de Covos** (Mesquitela): 191 628011/4495122 460; vale de encostas suaves com vários cabeços destacados onde são frequentes os afloramentos, atravessado por uma ribeira e outros pequenos cursos de água; dezasseis sepulturas não antropomórficas e duas antropomórficas escavadas na rocha e distribuídas de forma muito dispersa pelas encostas do vale; medieval: necrópole; nos amontoados de pedra aí existentes e em alguns terrenos identificaram-se raros fragmentos de cerâmica de construção (*tegulae*) e uma mó manual rotativa que parecem testemunhar a existência de um habitat hoje praticamente imperceptível; Oliveira, 1997, p. 608: sítio referido como A-das-Pedras.

76. **Quinta do Mouro I** (Cortiçô da Serra): 191 632144/4495263 515; pequeno outeiro em encosta suave, sobranceira à Ribeira de Salgueirais; sepultura antropomórfica escavada na rocha; medieval: sepultura; inédito.

77. **Quinta do Mouro II** (Cortiçô da Serra): 191 632095/4495221 510; encosta suave sobranceira à Ribeira de Salgueirais; *tegulae* e cerâmica comum, dispersas por área indeterminada; romano/medieval (?): indeterminado; a prospeção limitou-se a um pequeno corredor lavrado; inédito.

78. **Casa da Fonte Arcada I** (Vale de Azares): 192 637873/4495831 600; meia encosta de declive moderado, sobranceira à Ribeira do Batocal; dois sarcófagos antropomórficos; medieval: necrópole; Oliveira, 1939, p. 283-384: cinco sepulturas com as respectivas tampas, duas das quais com desenhos, vários tijolos, dois pedaços de coluna, dois potes de barro contendo moedas de cobre, algumas com a éfide de Constantino, e uma pedra trabalhada com a inscrição EX ORI; Figueiredo, 1953, p. 42; Oliveira, 1964, p. 101; Rodrigues, 1979, p. 236; Faria, 1985, p. 680; Alarcão, 1988, p. 63, n.º 4/240; Alarcão, 1993, p. 29 e Oliveira, 1997, p. 670-671.

79. **Casa da Fonte Arcada II** (Vale de Azares): 192 637873/4495831 600; meia encosta de declive moderado, sobranceira à Ribeira do Batocal; *tegulae*, *imbrices*, cerâmica comum (*dolia*), *terra sigillata* hispânica e hispânica tardia, duas mós manuais rotativas e três fragmentos de coluna, dispersos por uma área aprox. de 12.000

m²; romano/medieval: *villa* (?); vide bibliografia do sítio n.º 78.

80. **Capela de Santa Eulália** (Vale de Azares): 192 638090/4495774 570; reaproveitada numa das paredes laterais externas da capela; pedra decorada com duas rosetas de quatro e seis pétalas, inseridas em círculos; medieval (visigótico): achado isolado; Valera *et alii*, 1994, p. 279, n.º 26.

81. **Quinta do Monte Verão** (Vale de Azares): 192 640570/4495685 607; peso de lagar no interior da quinta; romano: achado isolado; inédito.

82. **Pedra Aguda** (Monte Verão, Rapa/Aldeia Viçosa – Guarda): 192 641801/4495478 872; esporão que se eleva sobre o topo aplanado de uma cadeia montanhosa com pequenas linhas de água, sobranceira ao Rio Mondego e à Ribeira da Cabeça Alta; linha de muralha de configuração ovalada irregular, que rodeia todo o esporão, exceptuando a vertente nascente que possui excelentes defesas naturais, e, no seu interior, fragmentos de cerâmica manual muito rolada e incaracterística, dois seixos transformados em pesos de rede/tear e escória; calcolítico à época romana (?): povoado fortificado; Cruz, 1900, p. 179-180; Azevedo, 1901, p. 160; Santos Rocha, 1908, p. 173; Almeida, 1945, p. 141; Rodrigues, 1979, p. 14: três linhas de muralha; Alarcão, 1993, p. 29-30; Valera *et alii*, 1994, p. 275, n.º 6; Oliveira, 1997, p. 629; Perestrelo, 2000, p. 52 e nota 3: dois machados planos (variante IB2) e cerâmica do calcolítico/bronze inicial; Pereira, 2003, p. 21-31: materiais do calcolítico à época romana.

83. **Quinta do Azar I** (Vale de Azares): 192 637465/4495010 632; topo de um cabeço destacado; sobranceiro a um ribeiro; vários silhares almofadados de grandes dimensões, reaproveitados na casa que se situa no topo do cabeço; romano: achado isolado; num terreno nas proximidades identificou-se ainda um fuste de coluna; Ferreira *et alii*, 2004, n.º 347.

84. **Quinta do Azar II** (Vale de Azares): 192 637465/4495010 632; topo de um cabeço destacado, sobranceiro a um ribeiro; sepultura não antropomórfica escavada na rocha; medieval: sepultura; inédito¹⁷.

85. **Capela de Nossa Senhora dos Azares** (Vale de Azares): 191 637318/4494420 653; reaproveitado na parede interior da capela; fragmento de ara com uma inscrição votiva, que, segundo Ferreira (*et alii*, 2004, n.º 347), apresenta a seguinte leitura: AMMAE · AR/ACELENI · SACRVM / CLEMENS · CELE/RIS · LICINVS · CIL[I] / D(e) · S(uo) · F(aciendum) C(urauerunt) e tradução: Consagrada a Ama Aracelene; Clemente (filho de) Celer e Licino (filho de) Cilo mandaram fazer à sua custa; romano: epígrafe; poderá ser proveniente da estação n.º 83; Ferreira *et alii*, 2004, n.º 347.

86. **Quinta do Barreiro** (Rapa): 192 640804/4494450 656; laje granítica situada

¹⁶ Este sítio foi, posteriormente, identificado por Catarina Tente e Ana Martins no âmbito do projecto de investigação "A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela", encontrando-se referido na base de dados – Endovélico do IPA.

a meia encosta, sobranceira à Ribeira da Cabeça Alta; sepultura antropomórfica escavada na rocha; medieval: sepultura; inédito.

87. **Portela** (Aldeia Viçosa – Guarda): 192 641412/4494428 730; encosta de declive acentuado, sobranceira ao Rio Mondego; troço de calçada entre Aldeia Viçosa e o limite dos concelhos da Guarda e Celorico; romano (?)/medieval: via; estação pertencente ao concelho da Guarda; bibliografia não recolhida.

88. **Ribeira II** (Vide Entre Vinhas): 191 634605/4494403 738; topo de um cabeço em encosta de declive acentuado, sobranceiro a uma ribeira; duas sepulturas antropomórficas escavadas na rocha; medieval: necrópole; inédito.

89. **Moitas Escondidas** (Alto da Rasa, Salgueirais): 191 632406/4494165 587; afloramento destacado em encosta de declive acentuado, sobranceira à Ribeira de Salgueirais; sepultura antropomórfica escavada na rocha; medieval: sepultura; em torno desta identificaram-se raros fragmentos de *tegulae* e um dormente de mó-de-vaivém, que parecem testemunhar a existência de um habitat hoje praticamente imperceptível; inédito.

90. **Vale da Igreja I** (Das Oliveiras, Mesquitela): 191 629290/4493826 470; encosta suave com vários afloramentos graníticos dispersos, sobranceira à Ribeira de Linhares; cinco sepulturas antropomórficas, cinco não antropomórficas e um pio escavados na rocha; medieval: necrópole; uma das sepulturas encontra-se no centro da área de dispersão de vestígios da estação n.º 91; inédito¹⁸.

91. **Vale da Igreja II** (Das Oliveiras, Mesquitela): 191 629467/4493817 482; encosta suave, sobranceira à Ribeira de Linhares; *tegulae*, cerâmica comum (*dolia*), *terra sigillata* hispânica, um fragmento de ânfora (?) e uma mó manual rotativa, dispersos por uma área aprox. de 10.000 m²; romano/medieval (?): granja; inédito.

92. **Lameiro de Santo Amaro** (Colícias, Mesquitela): 191 629090/4493537 480; extensa laje situada numa encosta suave com vários afloramentos destacados, sobranceira à Ribeira de Linhares; duas sepulturas antropomórficas e sete não antropomórficas escavadas na rocha, das quais cinco encontram-se inacabadas; medieval: necrópole; abaixo da sepultura mais afastada do núcleo principal identificaram-se fragmentos de *tegulae* e cerâmica comum, muito escassos e rolados, que parecem testemunhar a existência de um habitat hoje praticamente imperceptível; Oliveira, 1997, p. 608¹⁹.

93. **Tapada dos Caixões** (Lameiras, Salgueirais): 191 634186/4493258 815; outeiro rochoso em encosta de declive moderado, junto a um pequeno ribeiro; três

sepulturas antropomórficas escavadas na rocha e uma não antropomórfica definida por pedras avulsas; medieval: necrópole; inédito.

94. **Pedra da Atalaia** (Salgueirais): 191 635071/4493117 1010; topo aplanado de uma cadeia montanhosa de vertente acentuada a oeste, irrigada por pequenos cursos de água; duas estelas em granito, uma gravada com um reticulado e outra com escudo e lança; Calcolítico e Bronze-Final: estelas; descobertas recentemente, aquando do acompanhamento arqueológico das obras de construção do Parque Eólico de Videmonte, pelos arqueólogos Rui Rosa e Mónica Gomes²⁰.

95. **Rapa** (Rapa): 192 640365/4493816 640; encosta de declive acentuado, sobranceira à Ribeira da Cabeça Alta; troço de calçada no interior da povoação, actualmente coberto com brita; romano (?)/medieval: via; inédito.

96. **Soida** (Rapa): 192 641095/4493078 980; esporão a elevada altitude, sobranceiro ao Rio Mondego e à Ribeira da Cabeça Alta, com pequenos cursos de água nas proximidades e de difícil acesso por todas as vertentes, excepto a sudoeste, por onde se desenvolve um extenso planalto; possível linha de muralha, cerâmica comum (manual e a torno) muito rolada e incaracterística e escória; Bronze Final/Idade do Ferro e medieval: povoado fortificado (?); poderá corresponder ao castro do Monte da Serra referido por João de Almeida (1945, p. 137); Pereira, 2003, p. 24²¹.

97. **Póvoa** (Prados): 202 635413/4491936 903; pequeno outeiro rochoso em área planáltica, sobranceiro à Ribeira da Cabeça Alta; uma sepultura antropomórfica e duas não antropomórficas escavadas na rocha; medieval: necrópole; inédito²².

98. **Alminhas** (Prados): 203 637891/4491821 845; meia encosta de declive acentuado, sobranceira à Ribeira do Rebolal; troço de calçada à saída da povoação; romano (?)/medieval: via; inédito.

99. **Praço** (Prados): 203 638132/4491098 961; penedo situado em área planáltica, sobranceira à Ribeira do Praço; quatro sepulturas antropomórficas e uma não antropomórfica escavadas na rocha; medieval: necrópole; Oliveira, 1939, p. 260 e Oliveira, 1997, p. 622.

100. **Penha de Prados** (Prados): 202 635262/4490638 1140; esporão a elevada altitude, sobranceiro à Ribeira da Cabeça Alta, com excelentes defesas naturais a norte, estendendo-se de forma aplanada para sul; cerâmica manual muito escassa e rolada; proto-história: povoado (?); o local, transformado em parque de merendas,

20 Informação da Dra. Mónica Gomes, a quem muito agradecemos.

21 Estação citada pelo autor com base no trabalho por nós elaborado para a cadeira de Técnicas de Investigação Arqueológica.

22 Este sítio foi, posteriormente, identificado por Catarina Tente e Ana Martins no âmbito do projecto de investigação "A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela", encontrando-se referido na base de dados – Endovélico do IPA. As mesmas investigadoras referem também a existência de cerâmica comum e de construção nas proximidades.

18 Este sítio foi, posteriormente, identificado por Catarina Tente e Ana Martins no âmbito do projecto de investigação "A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela", encontrando-se referido na base de dados – Endovélico do IPA, com o topónimo Tapada das Pedras.

19 Catarina Tente e Ana Martins referem ainda a existência, neste local, de um fragmento de tampa monolítica em "rolha" e de mais uma sepultura, muito fracturada (cf. Base de dados – Endovélico do IPA).

encontra-se, em grande parte, coberto de brita; Almeida, 1945, p. 206 e Alarcão, 1993, p. 29.

101. **Quinta da Fidalga I** (Linhares): 202 629792/4490262 632; encosta suave com alguns afloramentos e outeiros rochosos, sobranceira à Ribeira de Linhares e atravessada por um pequeno ribeiro; lagar escavado na rocha; indeterminado: lagar; Moreira, 1980 e Valera *et alii*, 1994, p. 276, n.º 14²³.

102. **Quinta da Fidalga II** (Linhares): 202 629792/4490262 632; encosta suave com alguns afloramentos e outeiros rochosos, sobranceira à Ribeira de Linhares e atravessada por um pequeno ribeiro; duas sepulturas antropomórficas escavadas na rocha; medieval: necrópole; junto de um dos túmulos identificaram-se escassos fragmentos de cerâmica de construção e um peso de lagar que parecem testemunhar a existência de um habitat hoje praticamente imperceptível; Moreira, 1980; Valera *et alii*, 1994, p. 276, n.º 14 e Oliveira, 1997, p. 595²⁴.

103. **Castelo de Linhares** (Linhares): 202 630388/4489319 804; topo aplanado de um cabeço a meia encosta de declive acentuado, sobranceiro à Ribeira de Linhares; restos de uma fortaleza, composta por uma cerca amuralhada com duas torres, a de Menagem, ao centro, integrada num pano de muralha que divide o recinto sensivelmente ao meio, e a do Relógio, duas portas e um postigo; medieval: castelo; Oliveira, 1939, p. 239; Almeida, 1945, p. 198-202; Rodrigues, 1979, p. 14; Valera *et alii*, 1994, p. 277, n.º 16 e Oliveira, 1997, p. 566.

104. **Corredoura** (Linhares): 202 630150/4489071 771; encosta de declive acentuado, sobranceira à Ribeira de Linhares; troço de calçada à saída da povoação; romano (?)/medieval: via; Moreira, 1980; Alarcão, 1993, p. 28 e Valera *et alii*, 1994, p. 277, n.º 15.

Estações e achados não identificados ou de localização incerta:

Forca (Açores): fortaleza medieval; Almeida, 1945, p. 197-198.

Quinta da Torre (Açores): cerâmica de construção e comum romana; Valera *et alii*, 1994, p. 275, n.º 9.

Cabeça Grande (Baraçal): castro; Almeida, 1945, p. 203-204.

Areal (Carrapichana): monumento megalítico; Sarmento, 1883, p. 17; Oliveira, 1939, p. 201; Oliveira, 1969.a, p. 315 e Oliveira, 1997, p. 523.

Cabrieira (Carrapichana): sepulturas escavadas na rocha; Oliveira, 1939, p. 201; Oliveira, 1969.a, p. 315 e Oliveira, 1997, p. 523.

Moitas (Carrapichana): sepulturas escavadas na rocha; Oliveira, 1939, p. 201; Oliveira, 1969.a, p. 315 e Oliveira, 1997, p. 523.

Cortiçô (Cortiçô da Serra): dois achados de pedra polida; Santos Rocha, 1908, p. 171-173; segundo Oliveira (1969-b, p. 450) estes serão provenientes de Quinta do Mouro.

Torreão (Fornotelheiro): castro; Rodrigues, 1979, p. 19.

Tapada da Serra (Linhares): duas sepulturas antropomórficas escavadas na rocha; estação identificada por Catarina Tente e Ana Martins no âmbito do projecto de investigação já citado, encontrando-se referida na base de dados – Endovélico do IPA.

Pedra Sobreposta (Prados): castro; Rodrigues, 2003.

Rapa I (Rapa): castro; Almeida, 1945, p. 207 e Alarcão, 1993, p. 30.

Rapa II (Rapa): vestígios romanos; Oliveira, 1939, p. 264 e Oliveira, 1997, p. 629.

Atalaia (Ratoeira): castro; Rodrigues, 1979, p. 20.

Castelejo (Ratoeira): castro; Rodrigues, 1979, p. 20.

Mont'Alto (Ratoeira): lagares escavados na rocha; Oliveira, 1939, p. 27; Oliveira, 1968, p. 7 e Oliveira, 1997, p. 646.

Ratoeira (Ratoeira): lagariça escavada na rocha; Valera *et alii*, 1994, p. 275, n.º 8.

Ribeira da Várzea (Ratoeira): vestígios romanos; Rodrigues, 1979, p. 26.

Quinta do Seixal / Penedo do Seixal (Salgueirais): cerâmica de construção e comum romana; Alarcão, 1988, p. 63, n.º 4/242; Valera *et alii*, 1994, p. 277, n.º 17 e Oliveira, 1997, p. 667.

Vara (Salgueirais): cerâmica de construção romana; Alarcão, 1988, p. 63, n.º 4/243.

Jardim (Santa Maria): mancha de ocupação do neo-calcolítico; o local foi alvo de sondagens arqueológicas por Diana Coelho no âmbito do acompanhamento arqueológico das obras efectuadas no IP5, encontrando-se referido na base de dados – Endovélico do IPA.

Vale de Santo António (Celorico da Beira): duas estatuetas metálicas representando talvez o deus Penates e um anel de ágata e ouro com a inscrição “DORON”; Rodrigues, 1956, p. 7-8; Rodrigues, 1979, p. 28-29; Alarcão, 1988, p. 60, n.º 4/187; Alarcão, 1993, p. 28; Valera *et alii*, 1994, p. 279, n.º 25 e Oliveira, 1997, p. 330.

²³ Catarina Tente e Ana Martins referem a existência de mais um lagar a cerca de 300 m deste (cf. Base de dados – Endovélico do IPA).

²⁴ Catarina Tente e Ana Martins referem a existência de mais uma sepultura, junto a um pombal existente na quinta (cf. Base de dados – Endovélico do IPA).

(continua)

anunciava e se estabelecia com a brutalidade de que são feitas as grandes rupturas, este *banco*, na sua eloquência desarmante, mostra-nos como até à antiga Vila de Castelo Bom chegaram, nos primeiros quartéis do Séc. XIX, os sinais das mudanças dos tempos, as evidências de que, num Mundo que mudara, o “Portugal Histórico”, de que tanto falava e que tanto comovia Oliveira Martins, morrera para sempre.

Desses tempos revolvidos este *banco* é um derradeiro *memorial*, humilde mas digno, como humildes e dignos eram os “camaristas”, isto é, os velhos Vereadores e demais Oficiais da Câmara do antigo Concelho de Castelo Bom que o idealizaram, encomendaram e pagaram, ao serviço de um Poder Local decadente, acossado e insustentável, mas que este *Banco*, fruto da sua vontade, da sua acção e dos seus desígnios, nos ajuda a evocar e a conhecer melhor.